

## A FÁBRICA DE FERRO DE SÃO JOÃO DE YPANEMA E O ATENDIMENTO MÉDICO PRATICADO NO SÉCULO 19

Luiz Ferraz de Sampaio Neto,<sup>1</sup> Luiz Ferraz de Sampaio Jr. (*In memoriam*)

As origens da Fábrica de Ferro Ipanema, localizada a cerca de 20 Km de Sorocaba, onde hoje existe a cidade de Araçoiaba da Serra, remontam ao século 16. Em 1589, Afonso Sardinha, pai e filho, vieram para essa localidade atraídos por uma lenda indígena que fazia referências à presença de ouro em local conhecido como Lagoa Dourada no alto do Morro Ypanema.<sup>1</sup>

De fato, houve a constatação de grande quantidade de hematita e magnetita, o que determinou a construção de dois fornos catalães para extração de ferro, contudo, o interesse básico era encontrar ouro e prata. Ao que consta, encontraram algumas pepitas de ouro, próximas à Lagoa Dourada, mas nada de significativo que justificasse uma mineração mais intensa.

Depois de alguns anos de frustradas buscas e face às dificuldades de se estabelecer aí uma agricultura mais intensiva, abandonaram o lugar, deixando para trás escravos e o embrionário empreendimento siderúrgico (\*comunicação pessoal). Ainda hoje, essas ruínas podem ser reconhecidas em visita às fraldas do Morro Ipanema.

No início do século 19, a referência de achados de solo ferruginoso no local permitiu que, sob a orientação do Conde de Unhares, Ministro do Príncipe Regente, houvesse acerto intermediado pela Inglaterra com a Prússia para início da siderurgia em nosso País.

O primeiro projeto de aproveitamento do lugar coube a Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen. Contudo, um contrato com a coroa sueca, sob a coordenação de Carlos Luiz Hedberg, seria efetivamente a primeira missão designada para desenvolver trabalhos no lugar. Longa série de divergências culminou com a dispensa da equipe sueca em 1814.<sup>1</sup>

Supervisionada por Varnhagen, a partir de fevereiro de 1815, a Real Fábrica de São João de Ypanema produziu ferro fundido desde 1818. As mudanças políticas que aconteceram a partir de 1820, com o retorno de D. João para Portugal culminaram com o afastamento do Major Varnhagen em 1821.<sup>1</sup>

A partir de então, a Fábrica de Ipanema

ficou subordinada ao Ministério da Guerra, o que coincidiu com o êxodo dos moradores locais para Campo Largo, Sorocaba e Tatuí.

Um daqueles que abandonaram a localidade de Ipanema, por volta de 1820, foi o boticário local, sr. Joaquim Rodrigues de Oliveira. Nessa época, prestou exame transformando-se em cirurgião-mór e mudou-se para Sorocaba. Aqui, montou a primeira botica da cidade, nesse mesmo ano, com dinheiro que conseguiu emprestado de Rafael Tobias de Aguiar, seu primo. Antes dessa botica, os medicamentos de uso comum (óleo de rícino, magnésia, sal-amargo, sulfato de sódio, mostarda, etc.) eram vendidos em lojas de mantimentos ou através de curadores.<sup>2</sup>

A Regência Única do Padre Feijó proporcionou recursos para que o diretor da Fábrica, na ocasião Major João Bloem, pudesse iniciar contactos com a Alemanha. Bloem, após excursão à Europa, retornou com 56 imigrantes alemães e maquinário suficiente para que produzissem ferro e renda para a coroa. Enfrentando fases difíceis, conseguiu produzir material fundido para o trabalho rural (enxadas, ferraduras, etc.) e também material bélico (canhões e canos para espingardas). Contudo, durante a Rebelião Liberal de Rafael Tobias de Aguiar, o uso de canhões fundidos em Ipanema gerou acusações de conivência pelo Exército Pacificador do Barão de Caxias, culminando com o afastamento de Bloem de sua posição de direção.<sup>1,2,3</sup>

Desde então, até a nomeação do Capitão Engenheiro Joaquim de Souza Mursa, em 1865, a Fábrica de Ferro Ipanema ficou resignada à posição secundária na história do País. Mudança radical aconteceu com a percepção da importância da fundição de Ipanema para a produção de armas na Guerra do Paraguai, que estimulou seu crescimento e reconhecimento pelo Governo Imperial, o prestígio pode ser avaliado pela visita que o imperador D. Pedro II fez ao local em 1875.

**Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 5, n. 2, p. 51 - 53, 2003**

1 - Professor Associado da Disciplina de Ginecologia - CCMB/PUC-SP.

2 - Professor Titular da Disciplina de Ginecologia - CCMB/PUC-SP.

\* Adilson Cezar - Comunicação Pessoal.

Com o novo contrato firmado entre o Brasil e a Dinamarca, a missão técnica, também formada por alemães e suecos, necessitava de médicos que falassem outra língua além do português e que lhes oferecessem um nível de atendimento à saúde com o qual estivessem acostumados, por isso mesmo, foi destacado um cirurgião-mor da Dinamarca (dr. João Henlique Teodoro Langaard) para acompanhar a missão.<sup>1,4</sup>

Para o dia-a-dia da fábrica, a botica da fundição deveria ser capaz de fornecer o tratamento adequado para os problemas de saúde de seus funcionários, já que não existia outro local para o atendimento médico. Com esse objetivo, guardava materiais para os mais variados usos, conforme pode ser avaliado na relação do inventário da botica da Fábrica de Ferro de Ipanema do ano de 1872:

*“Uma chave de tirar dentes, um armário grande com gavetas para drogas, um almofariz, um alambique, bacias, canecas, balança de duas caçambas com pesos de 2 oitavos até 16 linhas (1/2 arroba), óleo de copaíba, raspas de veado, sulfato de quinina, tinturas diversas, amoníaco, manteiga de cacau, cremor, flor de enxofre, magnésia alva, salsaparilha, espírito de digitalis, mel rosado, água de flor de laranja, láudano, éter, larabaque, puais, jalapa, sublimado conosivo, marcela galega alemã, butuá, duas ventosas de vidro, ataduras (sete), dois vasos de casca para chumaços, bacia e jano de louça, pixorra de bano, onze colchões de brim novo, vinte e seis cobertores, trinta tigelas de folha de flandres, etc.”*

Para chegar aos locais distantes da sede da fundição, existia a chamada “botica volante”, que era semelhante a um estojo de primeiros-socorros e continha:

*“... um estojo de sangria com dezesseis navalhas e uma lanceta, dezoito vidros com pó de ruibarbo, bálsamo, líquido para gonorréia, líquido para curar escorbuto, pílulas mercuriais, extrato líquido de ópio, preparação para sarar constipações, preparação para dores convulsivas, cânfora e ácido sulfúrico, água de lavar os olhos, água de lavar feridas novas, linimento saponáceo, unguento mercurial, emplastos para samas, pedra infernal, pedra divina, tartarisada, macela romana, unguento para piolhos, flor de sabugueira, salitre, sal amargo e sal de Glauber”.*

Havia, ainda, uma botica para escravos que trabalhavam à noite nos alto-fornos, e que pelas

atividades insalubres era comum padecerem de problemas respiratórios crônicos. Nessa botica, os remédios estavam rotulados de modo popular para que fossem usados sem a necessidade de procurar o médico ou o boticário.<sup>2</sup>

A análise dos componentes que faziam parte do arsenal terapêutico dessas boticas permite caracterizar quais eram as doenças mais comuns nessa população, composta essencialmente por homens vivendo sob condições de trabalho pesado.

Segundo o Bulário de Napoleão Chernoviz, de meados do século 19,<sup>5</sup> podemos entender melhor qual era a finalidade de cada um dos componentes das boticas:

**Ácido sulfúrico** = puro; era usado puro para cauterizar verrugas; diluído tinha várias indicações como escorbuto, disenterias, sarampo, febres, vômitos espasmódicos, etc.

**Água de flor de laranja** = indicada como antiespasmódica, digestiva e anticonvulsivante.

**Água de lavar feridas novas** = corresponde à solução de água e álcool.

**Água de lavar os olhos** = infusão de água destilada e rosas usada para conjuntivites.

**Cânfora** = usada como sedativo para dores reumáticas e aplicada em curativos de úlceras crônicas.

**Copaíba** = copaíba, óleo obtido de árvores *Copaiba officinalis* usado contra gonorréia.

**Cremor** = bitartarato de potássio, também denominado cremor de tártaro, usado como purgante suave e como antiinflamatório cutâneo.

**Emplastos para sarnas** = preparado contendo flores de enxofre, Helleboro (*Helleborus niger*) em pó, associado com enxôfre, sabão mole, banha e essência de bergamota aplicado sobre os locais comprometidos pela escabiose.

**Extrato de digitalis** = *Digitalis purpurea*, muito usada nas palpitações, hemoptise, asma e pneumonia aguda.

**Extrato líquido de ópio** = também chamado "extrato tebaico", era a base para vários preparados que continham morfina.

**Flor de enxôfre** = sal de enxofre sublimado, indicado como pomada para psoríase.

**Flor de sabugueira** = usada no tratamento de bronquites, corrimentos, sarampos, escarlatina, entre outras.

**Jalapa** = *Exogonium jalapa*, usado como purgante

em pó.

**Larabaque** = água de larabaque, hipoclorito de sódio, desinfetante para curativos.

**Láudano** = tintura de ópio, aplicada como base para os medicamentos que usam ópio.

**Linimento saponáceo** = preparação líquida destinada a untar ou friccionar a pele, geralmente indicada como estimulante da circulação.

**Líquido para escorbuto** = suco espessado de limão azedo, em forma de xarope, profilático para escorbuto.

**Líquido para gonorréia** = solução de cúbeba (*Piper cubeba*), copaíba (*Copaifera officinalis*) e hortelã pimenta.

**Macela galega** = *Anthemis nobilis*, espécie de camomila usada como vermífugo e digestivo.

**Macela romana** = outro tipo de camomila, com as mesmas indicações.

**Magnésia alva** = MgO, usada como laxante e antiácido.

**Mel rosado** = infusão de rosas secas em mel e álcool, usado para bronquites.

**Pedra infernal** = nitrato de prata cristalizado, usado para cauterizações.

**Pílulas mercuriais** = calomelanos (protocloreto de mercúrio) associado à ipecacuanha (vide abaixo), ópio e goma arábica. Usadas nas disenterias tropicais.

**Preparação para dores convulsivas** = pílulas antinevrálgicas de Trousseau, composta por extrato de estramônio (*Datura stramonium*), ópio e óxido de zinco; analgésico potente.

**Preparação para sarar constipações** = constipação correspondia a quadro clínico composto por “indisposição caracterizada por calafrios, quebrantamento do corpo, grande peso e dores de cabeça, fadiga em todos os membros, fastio, insônia ou sono agitado e febre”. Entre outros tratamentos, existia o preparado composto por nitrato de pilocarpina, ácido benzóico e codeína.

**Puaia** = ipecacuanha, emético.

**Raspas de veado** = raspado do chifre de veado, CaCO<sub>3</sub>, usado como anti-diarréico.

**Ruibarbo** = *Rhesum rhapaticum*, cujo pó de suas raízes era utilizado como cicatrizante.

**Sal-amargo** = sulfato de potássio, purgante brando, aplicado em febre tifóide, congestões cerebrais e doenças cutâneas.

**Sal de Glauber** = sulfato de soda, purgante usado em moléstias febris, icterícia e moléstias cutâneas.

**Salitre** = nitrato de potássio, usado como diurético, para tratamento de infecções de trato urinário e “constipação”.

**Salsaparrilha** = *Smilax salsaparilha*, usado nas doenças reumáticas e na gota.

**Sublimado corrosivo** = bi-cloreto de mercúrio, usado para sífilis inicial e para tinea.

**Sulfato de quinina** = antitérmico.

**Tartarisada** = nitrato de antimônio e potássio, usado como emetivo.

**Ungüento mercurial** = também chamado de unguento napolitano, composto de mercúrio, sebo e banha; usado para curar úlceras venéreas, especialmente a sífilis.

**Ungüento para piolhos** = unguento mercurial cinzento que é o unguento napolitano (vide acima) dissolvido em banha benzoinada, aplicado no couro cabeludo.

Pelo apresentado anteriormente podemos constatar que os medicamentos existentes eram indicados para acidentes de trabalho, doenças sexualmente transmissíveis e outras doenças tropicais, o que permite se imaginar qual seriam as condições do atendimento médico oferecido no interior do Brasil em meados do século 19.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil. Ministério da Agricultura. Histórico e informações gerais do Centro de Treinamento Rural de Ipanema, 1966.
2. Almeida A. Boticas e boticários de outrora em Sorocaba. In: Álbum Drogasil Comemorativo do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. São Paulo; 1954. P.94-7.
3. Almeida A. História de Sorocaba. Sorocaba: Instituto Histórico e Geográfico, 1969.
4. Sampaio Jr LF. Remédios antigos. Rev Bras.Med 1965; 22:708-10.
5. Chernoviz LN. Formulário e guia médico. 168 ed. Paris: Roger & Chernoviz; 1897.

*As opiniões expressas nesta sessão representam o ponto de vista de seu Autor e não, necessariamente, o da Revista.*